

Modapalavra e-periódico

Entrevista com Zury Machado

Entrevistador: Mara Rúbia Sant'Anna

Transcrição: Paula Consoni

Data: 15 de maio de 2004

Apresentação:

Esta entrevista foi cedida, inicialmente, para o projeto de Doutorado intitulado “Aparência e poder”, defendido com sucesso no ano seguinte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em História. Posteriormente ela foi atualizada tendo em vista o projeto de pesquisa da entrevistadora chamado “Colunismo em Santa Catarina – a construção de uma sociedade de moda”. O objetivo nesta última versão foi de contextualizar o papel exercido pelo colunista Zury Machado, segundo sua própria narrativa, na construção do colunismo social em Santa Catarina, especialmente no caso das eleições anuais das dez senhoras mais elegantes da região.

Esta entrevista consiste de 2 horas e 25 minutos de gravação em suporte magnético e precisou de 16 horas de trabalho para finalizar sua transcrição. Após a mesma o entrevistado foi consultado a respeito de seu conteúdo, tendo manifestado, na ocasião, anuência da mesma e autorizado seu uso para fins de publicação científica.

Para contextualizar a entrevista foi associada na sua análise a percussão deste cronista nos jornais da época e entre as demais entrevistas que compuseram o projeto como um todo, sendo de consenso geral a importância do colunista e sua inestimável contribuição para o fortalecimento dos laços sociais entre as elites do período e, também, da valorização da aparência, do consumo do moderno, a constituição de locais de sociabilidade e das estratégias de poder firmadas pelo ver e ser visto.

Antes de apresentar parte da entrevista realizada com Zury Machado, é conveniente mencionar, em rápidos tópicos, a história deste profissional e citar alguns depoimentos feitos ao mesmo.

- Começo dos anos 50 deu início a sua carreira de cronista;
- Em 1954, surgiram suas primeiras notas nas páginas do Jornal O Estado;
- Janeiro de 1955, realizou jantar-dançante para apresentação da primeira lista das dez mais elegantes de Florianópolis, no restaurante do Lux Hotel;
- Criou diversas seleções anuais, destacando a beleza e elegância de diferentes segmentos sociais;
- Em 1955 iniciou a coluna social “Acontecimentos sociais”, no Jornal O Estado;
- Teve matérias publicadas na revista O Cruzeiro e Manchete;
- Foi escolhido o melhor colunista social na década de 1960;
- Realizou os bailes de Debutantes do Clube 12 de Agosto e Lira;
- Criou eventos sociais que marcaram época, como: Chá das Azaléias Douradas, o Baile das Hortênsias e Baile Branco.
- Era o coordenador da escolha da Miss Bangu nos anos 60 em Santa Catarina e realizou centenas de recepções beneficentes, desfiles e bailes;
- Organizou o primeiro Concurso oficial de Miss Santa Catarina, em 1955.
- Apesar da idade avançada, permanece escrevendo no Jornal O Estado sua coluna semanal

Modapalavra e-periódico

“Acontecimentos Sociais”.

Algumas notas encontradas a respeito do entrevistado:

Disse Carminatti Júnior em um artigo intitulado “Memórias”:

O luxo das festas em nossa Capital era cintilante. Lira e Doze brilhavam à luz de vestidos bordados de paetês e canutilhos, plumas esvoaçantes, piteiras longas e cigarros americanos, vestidos de tafetá e as festas de Zury Machado, onde meninas-moças disputavam a Alta-costura do Lenzi. A seresta tinha hora marcada e os regionais se revezavam no ponteio do cavaquinho, ao som do plangente violão. Festas com champanhe francês, o uísque ainda era novidade, mas o gim não, a rapaziada sorvendo cuba-libre e, aos menos afortunados, um forte ‘rabo de galo’. (Jornal **O Estado**, 01 de junho 1986, p.30)

Nota produzida pelos colegas de trabalho:

Zury Machado, o maior colunista social de Santa Catarina, faz anos hoje [07/09]. Nosso companheiro de longa data, quando mal se esboçava o colunismo em nossa terra, Zury veio, gradativamente, conquistando o apoio da nossa melhor sociedade, a ponto de ser hoje um dos mais destacados colunistas do Brasil. (Jornal **O Estado**, 07 set. 1960, p.8. Coluna: “Sociais”)

Adolfo Zigelli, numa crônica publicada no mesmo jornal, descrevendo o que era chique em Florianópolis:

Se tiver passado o fim de semana em Cacupé diga que o aproveitou para ‘dar um pulinho’ até o Rio e faça o possível para que Zury publique. Dá prestígio. (Jornal **O Estado**, 13 de abril 1969, “Receita para não ser quadrado”)

A entrevista

15 min.

M.S. — Voltando um pouquinho para a história da coluna social. Foi você o primeiro, por que antes existia sempre aquela coluna social de aniversário, mas ninguém assinava e não comentavam sobre as coisas que aconteciam na cidade.

Z.M. — Tinha uma pessoa aqui, um senhor aqui que ele, eu não cheguei a ter intimidade com ele, mas eu sabia que ele escrevia sobre alguns acontecimentos um grande casamento, uma coisa assim, ele escrevia sobre aquela festa. Até era uma coisa assim simples, *tá lá e pronto*. Não era uma coluna, não era sempre. Eu acho que eu fui o primeiro a fazer uma coisa assim de...

M.S. — Uma coluna social mesmo com o título como coluna social. .

Z.M. — É sim. E foram surgindo outros.

M.S. — E quando você apresentou essa idéia nova para os jornalistas aqui da cidade. Houve uma resistência ou uma aceitação como é que foi a receptividade?

Z.M. — Não. A minha primeira vez, a minha estréia, vamos dizer assim, como colunista social, que na época era isso, hoje é cronista. Então, a gente falava mais só em sociedade, hoje em dia não, entra política, entra comércio, misturando uma coisa com a outra, mas sempre dando um toquezinho mais social. Então, naquela época tinha um outro jornal aí e foi feito umas críticas e

Modapalavra e-periódico

depois tentaram ir além. Mas eu nunca respondi. Fiquei quieto, não é? E acho que venci. Eles me convidaram para trabalhar nesse jornal mais tarde.

M.S. — Eles chegaram a convidá-lo?

Z.M. — É, eles convidaram. E eu não aceitei, porque eu disse que não, porque quando eu comecei a escrever, eu escrevia na Gazeta e, depois, no jornal O Estado e daí fiquei com os dois, porque não eram todos os dias. Duas vezes na semana eu escrevia na Gazeta, duas vezes na semana eu escrevia no Estado. Então era um sucesso e aí esse outro quis que eu fosse trabalhar e eu disse que não, não é?

M.S. — Primeiro critica e depois quer...

Z.M. — Então, aí foi só. Mas não por parte de jornalista. Uma pessoa só, dono do jornal mesmo que não concordou com a minha posição de não aceitar o convite deles, mas eu nunca liguei. Nunca respondi.

(...)

22 min.

Z.M. — Mas foi muito bom, foi uma escola muito boa para a vida. Aprendi muito mesmo. Então, acho que é isso tudo. Não é só ter glórias, tem que haver também espinhos.

M.S. — Até para se dar o valor.

Z.M. — Para dar valor. Eu só tenho, até hoje, as melhores recordações e viajei muito. Como jornalista eu viajei muito, quase o mundo todo. E fiquei nos melhores hotéis do mundo e sempre como convidado. Sempre muito bem recebido, graças a Deus, não só eu, como também as pessoas que iam comigo.

(...)

30 min.

Z.M. - Na Bangu foi uma época também muito bonita, muito boa. Eles elegiam a miss elegante Bangu de cada estado e depois faziam no Rio a Miss elegante do Brasil. E eu também fui solicitado pelo Rio para organizar nos três estados do Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande. Porque daí eu ficava com toda essa região.

Eu fiquei muito conhecido nessa parte, mesmo porque, os tecidos eu mandava direto para lá, porque a fábrica mandava os tecidos com todos os modelos e eu só ia na cidade para contatar com o clube. O clube escolhia as meninas da sociedade para depois eleger a representante do Estado. Por isso, eu me tornei, assim, muito conhecido e muitas e muitas vezes eu não via o final. Na festa eu ia. Eles me chamavam para participar do júri, aquela coisa toda, com o representante da Bangu. Então, eu viajei muito no Brasil também. Então, foi muito bom mesmo, sabe? Uma grande escola que eu tive. Novas amizades, novas relações, e daí abre muitas portas e oportunidades.

M.S. — Quais, por exemplo?

Z.M. — Como o Ibraim Sued. Com ele eu trabalhava na rádio nacional, porque na época não existia televisão, nós tínhamos um programa que era patrocinado.

M.S. — E o programa se chamava como?

Z.M. — Crônica Social. Ele convidou quatro ou cinco jornalistas. Tinha eu daqui, tinha um do Rio Grande, três de Vitória e outro que era do Pará, mas eles poucas vezes foram. Muito mais ia eu porque eu viajava muito ao Rio na época, então, como tinha hotel e tudo... E eu ficava muito

Modapalavra e-periódico

mais perto, pra mim era mais prático. E íamos com o guardião, como se dizia na época. Mas, foi muito bom e eles quase não foram. Quando eu não ia ao Rio eu mandava os acontecimentos daqui e também quando o Ibraim não participava do programa ele mandava as notícias e tinha uma pessoa da Bangu que lia toda a crônica. Eles liam de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro mesmo.

(...)

1h35 min.

M.S. — Dentre os eventos e pessoas que você observava, o que virava notícia? Havia quem pagasse para sair seu nome na sua coluna?

Z.M. — São todos, a princípio, notícia, não tem porque cobrar. Eu sou funcionário do jornal, o jornal me paga já. Se alguém quer botar meia página de fotografia da filha, sei lá com uma redação. Aí saí no jornal e paga, não é? Pela folha do jornal. Mas na minha coluna não. Eu sempre achei também uma coisa um pouco fora de sentido quem faz isso. Eu não tenho nada contra quem faz, é aquela coisa, não é? Cada um tem a sua maneira de ser. Mas eu nunca fiz e não aprovo.

M.S. — Daí outra questão que vem daí e na questão da seleção das dez mais elegantes. Havia alguma forma de comentário e suspeitas sobre as indicadas?

Z.M. — A sim, a parte das melindrosas, que sempre ficavam desconfiadas. Mas eu ficava muito tranqüilo porque eu sempre convidava estilistas assim como o Lenzi, o primeiro não é? E outros para me ajudar nesta eleição. Mais algumas pessoas assim que nunca mencionei os seus nomes por que nem era o caso, pois afinal quem escolhia mesmo era eu.

M.S. — Não era o pessoal que fazia a escolha em conjunto.

Z.M. — Eu apontava alguns nomes, elas levavam a lista pra a casa e eles analisavam cada um, não é? Então, e daí é que surgia a lista

M.S. — Chegavam em um consenso...

Z.M. — Das mulheres mais elegantes de Santa Catarina

M.S. — E dentre esses critérios qual que você considerava mais fundamental para que elas participassem da lista?

Z.M. — Uma mulher discreta.

M.S. — Discrição?

Z.M. — É discrição. Elegância pra mim sempre foi o seguinte. Elegância é uma coisa, não é um momento. A gente vai numa festa vê uma pessoa e sabe que naquela hora tu tem que está elegante, tu tem que está chique, tu tem que está linda. No dia seguinte, não tem nada. É ou não é verdade? Não é colocar um vestido dourado, todo bordado. Não, não é nada disso. A elegância é o estilo da pessoa. O fundamento da pessoa, que teve uma boa mãe. Ter postura, não é? Tem pessoas que vai numa festa e não sabe sentar, não sabe estar nos lugares, socialmente, não é? E isso é... Tem pessoas que tem isso nato. Já nascem e todo dia se levantam elegantes e bastam pegar um *robe* e amarrar de qualquer jeito e aquilo é chique Ela já é assim. Porque existem pessoas assim. E existem pessoas que não, são feitas, não é?

M.S. — É uma educação.

Z.M. — Isso a gente tinha um cuidado de olhar. Essa formação de coisas que tornam uma pessoa chique. Que tornam uma pessoa elegante. E merecedora do título. Nesse tempo se faziam assim uma festa muito bonita e depois as apresentavam numa festa muito fechada. Uma festa de gala no

Modapalavra e-periódico

salão do Lux Hotel.

M.S. — Foi no Lux?

Z.M. — As festas das elegantes sempre foram no Lux.

M.S. — É por que não foram também para outros hotéis da cidade?

Z.M. — Mas daí não tinha mais. Até se fazia [as listas e as festas para comemorá-las], não é? Mas elas não iam. Eu não. Eu fiz até a hora que eu vi que dava para ser feito mesmo.

M.S. — Que dava para escolher?

Z.M. — Depois todo mundo era. E quando eles viam uma mulher cheia de brilho, cheia de coisas, cheia de jóias diziam que era chique, era elegante, porque era rica.

M.S. — Esse momento aí o senhor considera que era a partir de 1970, 1975?

Z.M. — É foi. Eu acho que até os anos 70 a gente tem uns elementos dentro daqueles critérios. A gente procurava o que tinha de melhor. Não dava para inventar uma coisa.

Era uma coisa tão melindrosa, que a gente tinha que pensar muito bem. A gente vai naqueles moldes. Igual, igual, não, mas naquela estrutura para que possa ter uma coisa bem feita.

M.S. — E assim então, a parte moral da pessoa também entrava nesse critério?

Z.M. — Claro. Depois a coisa mudou tudo. Hoje em dia não se pode casar duas vezes, três vezes?

M.S. — É. Se fosse por aí ia ser muito difícil selecionar mesmo.

Z.M. — E hoje em dia, muitos nem são casados. Fiquei e pronto, não é? E a gente acha bonito, não é? E tem que achar.

M.S. — Eu acompanhei pelos jornais desde a primeira lista das mais elegantes até 1970. Dali em diante eu não acompanhei mais, por causa da minha pesquisa. E muitas delas se repetiam. Na maior parte se repetia?

Z.M. — Ah sim, claro! É porque mereciam ficar na lista. É porque surgiam novas, mas não com aquele perfil que realmente se usava. A Dona Ruth era alguém que mereceu sempre ficar na lista, só saiu quando o “Seu” Aderbal [Ramos da Silva] disse: “Agora, chega de botar a minha mulher.” [risos] “e se quiseres, achares que as minhas filhas têm o mesmo direito põem as minhas filhas, mas deixa a minha mulher, a minha mulher chega”.

(...)

2h03min.

M.S. — E quando alguma dessas senhoras saíam da lista elas chegavam, assim, a perguntar por quê?

Z.M. — Não. Sempre continuava a amizade depois.

M.S. — E em nenhuma ocasião, assim, um marido ou uma pessoa conhecida veio pedir que fosse colocado algum nome?

Z.M. — Não, nunca, nunca.

M.S. — Por que às vezes poderia ter, não é? Essa coisa assim...

Z.M. — Nunca um marido foi inoportuno. Eu consultava os maridos antes de convidar as esposas. Dizia: “A tua mulher é muito elegante e eu queria colocar na lista para ser mencionada. O que é que você acha? Você gostaria que fosse divulgada e tal ou não.” Porque eles poderiam não gostar, por isso que eu sempre consultava os maridos antes.

M.S. — E em alguma ocasião alguém disse que não gostaria?

Z.M. — Não. Sempre aceitavam. Eu fazia o que eu queria, aquela pessoa sempre tão alinhada, tão tudo, tudo, ela merece ser, ela merece estar sempre na lista e aí eu colocava. Não aquela coisa

Modapalavra e-periódico

de pressionar. Oh, coloca aí a minha mulher [engrossou a voz] isso não. Nunca houve isso. Eu pensava assim: “se eu estou gastando as minhas energias acho que deve ser do meu modo. Uns gostando, outros não gostando, quem quiser ler lê, quem não quiser não lê. É uma coisa, assim, que...”

M.S. — Não precisava concordar plenamente. E, assim, você fez até quando a lista? Até que ano? Você lembra?

Z.M. — Ah, eu não sei, mas acho que até o meio dos nos 70. E daí, depois, começou todo mundo a fazer. Fizeram todo mundo coluna social. E daí falaram: “Ah o Zury tá caindo”. Não é assim, não pode ser assim uma coisa tão... [silêncio]

M.S. — Simples? Vulgar?

Z.M. — Fica vulgar, não é?

M.S. — Não tem nem mais valor.

Z.M. — Então, eu, sem mencionar nada resolvi e quando me perguntaram: “Não vais fazer esse ano, não?”, só disse: “Não, chega e tal”.

Projeto de pesquisa e as entrevistas foram autorizados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina, em Julho de 2006.